

História despercebida mesmo aos nossos pés

Falta de sinalização e informações alimenta desconhecimento público

Tânia Passos

DA EQUIPE DO DIÁRIO

A história encontrada nos livros pode estar ao alcance dos nossos olhos ou sob nossos pés, mas, na maioria das vezes, passa despercebida no dia a dia. Quem anda, por exemplo, pela Praça da República, geralmente não enxerga a história guardada ali, além das palmeiras imperiais, como a morte dos mártires no período da revolução de 1817. Uma estátua simboliza o momento, mas não há referência aos nomes dos que morreram. Já quem passa pelas ruas Nossa Senhora do Carmo e Imperador também não deve saber que o local serviu de palco para a rendição dos holandeses em 1654. Os que frequentam a Praça de Casa Forte não têm idéia de que no local foi travada uma batalha no dia 17 de agosto de 1645 para libertar senhoras pernambucanas das mãos dos holandeses.

O desconhecimento do público vai além das aulas de história. Segundo o arquiteto e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), José Luís da Mota Menezes, a falta de sinalização e informações sobre os lugares históricos dificulta a propagação do conhecimento como fonte de cultura e lazer. As sinalizações feitas com placas indicando nome de igrejas e museus não são suficientes, segundo o professor, para contar a história do lugar. "As placas deveriam vir acompanhadas de informações sobre os acontecimentos vividos em determinado



Cruzeiro em frente à igreja de Casa Forte tem placa com letras apagadas sobre batalha em 1645

local. Qualquer um pode saber que a Igreja do Carmo é a Igreja do Carmo, mas poucos vão saber que foi lá onde Frei Caneca morou".

No caso da Batalha de Casa Forte, uma placa fixada em um cruzeiro em frente à igreja, em 1918, faz referência ao acontecimento histórico, mas as letras já apagadas pelo tempo não estimulam a leitura e até frequentadores assíduos da praça sabem pouco sobre a história do bairro. As adolescentes Anaís Suassuna, 14 anos, e Beatriz Braga, 15, sabem que o lugar foi palco de um acontecimento importante. "Sei que um grupo de mulheres se reuniu para

lutar, mas não sei contra quem e nem porque", arrisca Anaís.

No episódio, as mulheres encarceradas na Casa Grande do Engenho de Anna Paes pelos holandeses foram libertadas com ajuda do exército pernambucano. A casa grande passou a ser conhecida como Casa Forte, nome que se estendeu ao bairro. Sua principal via, a avenida 17 de Agosto, também é uma homenagem à vitória dos pernambucanos.

Restauração - A preocupação do professor Mota Menezes no ano em que se comemora os 350 anos da Restauração Pernambucana também é

compartilhada por outros estudiosos. O historiador Leonardo Dantas diz que para reduzir esse vácuo entre os moradores e a história do lugar é importante também o contato físico. "Os estudantes pernambucanos podem ter o privilégio de conhecer de perto o local onde foi travada, por exemplo, a Batalha dos Guararapes. Esse contato pode ser mais importante do que a leitura nos livros", explica. Segundo ele, as escolas deveriam explorar mais os principais pontos históricos do Estado, realizando excursões. Para o professor, história é o que não falta no solo pernambucano.

Descoberta arqueológica é esquecida

Na década de 60, o arqueólogo Marcos Albuquerque comandou uma escavação no Sítio da Trindade. No local foi descoberto um fosso que em 1630 cercava o Forte Real do Bom Jesus, o maior ponto de resistência na época contra os holandeses. O fosso descoberto há quase quarenta anos está tomado pela vegetação e é completamente ignorado pelos visitantes. "Quem passa por aqui pode pensar que é apenas um buraco", lamenta o arqueólogo.

O Arraial Velho do Bom Jesus conseguiu resistir durante cinco anos. Em 1635, ele foi finalmente tomado pelos holandeses, que permaneceram durante o período de resistência confinados ao litoral. Após a rendição, o Forte Real Bom Jesus foi destruído pelos holandeses e abandonado.

A pesquisa arqueológica revelou parte do fosso, as bases das



Fosso no Sítio da Trindade hoje está tomado pela vegetação

muralhas e do terrapleno, assim como uma grande quantidade de munições e objetos, que podem ser encontrados em exposição no Forte do Brum, mas

o maior desafio é fazer com que a descoberta se torne fonte de conhecimento para os visitantes. Segundo o arqueólogo, a idéia original era concluir as escava-

ções e construir uma maquete indicando como era o forte antigamente. "O projeto acabou sendo engavetado não houve interesse do município", desabafou Marcos Albuquerque.

As descobertas feitas pelo arqueólogo chamaram a atenção do professor de matemática Abraão Barros, que ensina em uma escola municipal do Recife. Ele decidiu elaborar por conta própria o projeto: *Conheça o Sítio da Trindade*. Em um cd-room, Barros reuniu informações sobre a descoberta do arqueólogo, o meio ambiente e a cultura. A idéia é divulgar o projeto nas escolas públicas do município. "Estou oferecendo às coordenadoras uma oportunidade de mostrar para os alunos um pouco mais sobre a história do Sítio da Trindade, mas o objetivo maior é estimular excursões ao sítio", explica.

Vandalismo também ameaça memória

Também ameaçado pelo esquecimento está o Forte do Arraial Novo do Bom Jesus, localizado no bairro do Cordeiro. No local só há resquícios de construções do Século XIX e um obelisco instalado em 1917, em homenagem ao primeiro acuartelamento do Exército Brasileiro e que foi construído em 1645 para combater as tropas holandesas.

Apesar de tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o local não está protegido da ação dos vândalos. O obelisco é constantemente vítima de pichações e algumas das pedras de mármore estão quebradas. Sem saber da importância histórica do lugar há pessoas que usam o obelisco para fazer despachos. "Deve ter gente confundindo o obelisco com um pelourinho", deduz o arqueólogo Marcos Albuquerque.



Marcos Albuquerque crê que alguns confundem Obelisco

Apesar de estar cercado com grandes, o local é frequentemente visitado por crianças e jovens. O estudante Paulo Roberto de Freitas, 15

anos, costuma ir ao arraial para soltar papagaio com os amigos. "A gente vem para brincar. Não sei o que havia aqui antes", confessa. O

terreno onde foi erguido o forte também é usado por ciclistas. Segundo o arqueólogo, é comum ocorrerem no local competições de bicicletas, aproveitando as irregularidades da área. "Qualquer alteração no terreno pode prejudicar futuras escavações", alertou.

O forte dá nome à avenida e a vários estabelecimentos comerciais instalados nas imediações mas, segundo o arqueólogo, a população não está informada sobre os acontecimentos daquela época. O Arraial Novo do Bom Jesus teve uma importante função na história e serviu de base de apoio fornecendo armas e víveres para combater as tropas holandesas. Ele representou o início da resistência pernambucana. História encontrada nos livros e desconhecida da maioria dos que pisam as terras do antigo forte.